



OS AÇOUGUEIROS NA LITERATURA: UMA ABORDAGEM NO CAMPO DA HISTÓRIA SOCIAL DOS TRABALHADORES

THE BUTCHERS IN LITERATURE: AN APPROACH WITHIN THE SOCIAL HISTORY OF WORKERS

Antônio de Pádua Bosi*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

antonio_bosi@hotmail.com

RESUMO: Este artigo discute a presença de açougueiros na história a partir de *Gangues de Nova York*, de Herbert Asbury, *O açougueiro*, de Isaac Singer, e *The Jungle*, de Upton Sinclair. A abordagem está centrada no trabalho de açougueiros em contextos definidos no período de 1850 a 1960. A principal chave analítica diz respeito à imagem negativa, informada pelos autores, sobre o manuseio da carne, marcado por sangue, sujeira e abate de animais. Eles apresentam uma visão que desabona o trabalho com a carne, posicionando os açougueiros em ambientes sociais violentos e povoados de criminosos, ou na condição de trabalhadores explorados em frigoríficos. De modo específico, tento encontrar e problematizar essa percepção. Ao final, concluo que o estigma atribuído ao açougueiro (incluindo os trabalhadores em frigoríficos) deriva de uma imagem repulsiva sobre seu trabalho cuja raiz está localizada em contextos sociais caracterizados por elementos difíceis de agrupar, por exemplo, a pauperização, a crueldade e a violência.

PALAVRAS-CHAVE: Açougueiros; Herbert Asbury; Isaac Singer.

ABSTRACT: This paper approaches the butchers in the book of "Gangs of New York" (Herbert Asbury), "The Butcher" (Isaac Singer) and "The Jungle" (Upton Sinclair). The approach focuses on the labor of butchers in contexts defined in the period 1850 to 1960. The main key concerns the negative image about the handling of meat and blood, dirt and slaughter of animals. The authors show a view that discourages work with meat. For them, butchers live in violent social environments and populated by criminals, or in the condition of workers exploited in slaughterhouses. Specifically, I try to find and problematize this perception. I conclude that the stigma attributed to the butcher (including the workers in slaughterhouses) derives from a repulsive image about his labor whose root is located in social contexts characterized by pauperization, cruelty and violence.

KEYWORDS: Butcher; Herbert Asbury; Isaac Singer.

* Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

O PROBLEMA

Açougueiros tiveram poucas menções na literatura. Geralmente foram colocados em contextos socialmente caracterizados por pesadas cargas de violência e de ressentimento, mesmo nos principais trabalhos em que apareceram como protagonistas. No limite, são estigmatizados, mostrados como pessoas de caráter duvidoso e insensíveis com os animais. É um olhar severo.

Essa visão não pertence só ao campo da ficção, mas também ao plano acadêmico. Não raras vezes, o açougueiro tem sido estudado com referência a esse estigma em diferentes períodos históricos desde, pelo menos, a alta Idade Média. Um exemplo aparentemente ocioso sobre isso reside nos costumes relativos à carne na tradição cristã. É um enredo bastante tenso. No Paraíso, descrito conforme o Velho Testamento, havia apenas uma perspectiva para a dieta alimentar. Tratava-se de um mundo vegetariano e o destino dos animais pertencia a Deus. Isso mudou quando Noé enfrentou o dilúvio e transportou pares de diversos animais. Cessada a tormenta, o sacrifício de bichos para saciar a fome abriu um novo capítulo na trajetória cristã, o que perdurou até o tempo de Moisés. Nesse momento, houve uma classificação da fauna em “pura” e “impura”, separação fundada na tipificação do sangue. Animais que se alimentavam de carne foram descartados da dieta. Nesse caso, os hebreus se sentiram pressionados pela conversão do filho de Deus em homem de carne e osso, que se alimentava de carne, de acordo com as leis de Moisés, mas simbolizava, depois da ressurreição, uma espécie de carne “impura”. A equação, mesmo que metafórica, dizia que a carne de Jesus (dada aos homens em sacrifício) tornara-se impura porque a sua dieta incluía proteína animal. Era um cerco difícil de escapar. O resultado foi a abolição das barreiras erguidas contra a carne de animais considerados impuros nos tempos de Moisés.

Esse é um exemplo bastante conhecido. No rastro dessa cultura, o açougueiro se fez especialista no manuseio da carne desde o abate. Angariou a desaprovação para o ofício que se estruturou na baixa Idade Média. Sobre isso, Max Weber relacionou o trabalho do açougueiro ao lado de carpinteiros e ferreiros, importantes e antigos ofícios. Assegurou ainda que os açougueiros, em muitos lugares da Europa, conseguiram estabelecer seu próprio comércio por volta do período Carolíngio, livres e independentes dos domínios feudais. Também por isso organizaram-se em corporações e guildas para controlar o mercado, fiscalizar a qualidade dos produtos e proteger a si mesmos (WEBER, 2006, p. 141-163).

Um dos casos mais bem documentados na historiografia é a Corporação dos Açougueiros de Hildesheim, edificada em 1527, norte da Alemanha. O prédio, preservado atualmente, tinha sete andares e altura de 26 metros. A sua porta media 2,5 metros, suficiente para passagem de porcos e bois em direção ao abate. As paredes garantiam boa refrigeração, com espessura de 1,5 metros. O mercado de Smithfield, em Londres, criado no século XIII, com o tempo, também se tornou um lugar específico de açougueiros e suas bancas. Ambos se igualam em relevância histórica e importância econômica à época. Smithfield foi restaurada e, na atualidade, abriga diversas lojas.

Os açougueiros começaram a se evadir desses mercados quando se sentiram pressionados com fortes reclamações contra o barulho dos animais, o sangue derramado, o mal cheiro e a gordura. Isso ficou mais patente no século XVIII, quando os padrões de higiene mudaram e forçaram a mudança dos costumes (MACLACHLAN, 2008). Antes disso, as práticas populares não impunham muito asseio ao trabalho dos açougueiros.

Espero que este breve quadro ajude a esclarecer que não considero as abordagens feitas por Asburg, Singer e Sinclair como simples condenação dos açougueiros. As suas experiências interferiram na estruturação de suas personagens e elencos de suporte. É certo que construíram as suas narrativas

lidando com noções históricas, pessoais e políticas a respeito do abate de animais, do consumo de carne e dos açougueiros. Há nisso tudo uma complexidade a ser identificada, analisada e explicada como elemento histórico.

Isso impõe limites para o trabalho do historiador. Obviamente, a literatura pode ser útil como fonte histórica. Torna-se mais importante quando o acesso a determinado assunto e temporalidade carece de documentação. É certo também que nenhum escritor inventa completamente as suas histórias, mas elas estão em algum lugar do passado e de suas próprias experiências. Então, na ótica da história, pode-se esperar da literatura questões que obrigam a discutir e a rever costumes e crenças, abordagens que levantam novas perguntas sobre a história ou romances engajados que se esforçam para que a presença de grupos sociais e de práticas políticas não desapareçam. Nesse estrito sentido, podem ser consideradas intervenções interessadas na história.

É o caso de Herbert Asbury, de Isaac Singer e de Upton Sinclair, que escreveram a respeito de açougueiros ao longo do século XX. Asbury e Sinclair chegaram ao assunto com boa pesquisa de campo. O livro de Asbury, *Gangues de Nova York* (1927), cujo subtítulo é “uma história informal do submundo”, pode ser encarado como um exercício de sociologia bem-feito. A presença sistemática de Upton Sinclair nos frigoríficos de Chicago na década de 1900 (um pesquisador autodidata) atraiu para seu campo de observação dilemas de trabalhadores imigrantes vividos à quente. Também aqui o enredo construído em *The Jungle* (SINCLAIR, 1906) estruturou um romance e uma história escritos do ponto de vista dos trabalhadores. Nenhum livro fez tamanho estrago nos domínios dos donos dos frigoríficos de Chicago quanto esse. O governo de Theodore Roosevelt se viu obrigado a investigar as instalações dos matadouros e reconhecer a insalubridade e os perigos espalhados na linha de produção. Por sua vez, Isaac Singer igualmente demonstrou engajamento ao pautar a vida do açougueiro em dois de seus textos. Contudo, a sua abordagem é a que, intencionalmente, desqualifica o abate de animais como principal componente

dos afazeres dos açougueiros. Ao mesmo tempo, dentre os três, ele é quem leva mais longe o estigma atribuído aos açougueiros, introduzindo e manejando suas personagens a partir de alegorias, zoomorfizações, hipérboles, tudo para deixar claro que não se tratava de uma boa pessoa.

Os romances identificados com a história social dos trabalhadores têm sob o seu domínio pontos de vista ainda não utilizados como hipóteses por historiadores e cientistas sociais a respeito de experiências de pessoas comuns, embaraçadas em diferentes dimensões da luta de classes. Nesse caso, pontes que ligam a literatura à história, certamente iniciadas há tempos e largamente frequentadas, endossam a virtude de obras que podem ser tomadas como expressão de uma época ou uma forma de conhecimento sobre um assunto de interesse histórico. Percebe-se isso especificamente na obra *Germinal*, que Émile Zola escreveu sobre o mundo dos trabalhadores das minas de carvão na região de Montsou, na França de 1870. Ele realizou pesquisa de campo, registrada em aproximadamente 700 páginas de anotações, acerca do que viu e ouviu dos homens e mulheres que trabalhavam nas minas. Zola produziu uma narrativa na qual estiveram vigorosamente presentes as condições de trabalho e de vida, além da formação de um sentimento coletivo que levou os trabalhadores à greve (ZOLA, 1981).

John Steinbeck também pode ser posicionado nessa linha de frente. *Vinhas da Ira*, editado em 1939, foi antecipado por diversos artigos em jornal em que ele cobriu a situação de famílias expropriadas e empobrecidas que migraram do centro-oeste americano para a Califórnia em busca de trabalho. Na falta de um nome que traduzisse a situação daqueles trabalhadores volantes, Steinbeck os chamou de “ciganos da colheita” (STEINBECK, 2003). Em *Vinhas da Ira*, o autor pautou as repercussões da crise de 1929 sobre milhares de famílias de camponeses pauperizadas devido à perda da propriedade ou do trabalho que faziam no campo. Não podiam carregar inteiramente com eles seus modos de vida. Ao mesmo tempo, muitas de suas memórias perdiam

vínculos com os lugares que as sustentavam e que aquelas famílias se viam obrigadas a abandonar. Continua sendo uma promissora porta de entrada para avaliar a mais importante crise do capitalismo em meio aos sentimentos de trabalhadores que tiveram imensa dificuldade para compreender o que os atingira naqueles anos “sombrios” para o capital. Famílias desgarradas com uma coleção de desencantos e o fracasso sentido em um sem-número de derrotas se misturam à resistência social, uma predestinada vontade de reconstruir as vidas e as almas e algum tipo de continuidade.

Zola e Steinbeck, cada um a sua maneira, se prontificaram a escrutinar a vida de homens e de mulheres em pontos sensíveis da experiência proletária, associados à pobreza, à subalternidade, à dificuldade de sustentar determinados padrões morais sob enorme pressão do capitalismo. Em meio a isso, ambos mostram como as coisas podem piorar para quem vive uma situação de permanente precariedade. Eles examinaram o mundo de camponeses, de prostitutas, de ladrões, de imigrantes empobrecidos, de pessoas para as quais não haveria mais degraus para descer na escala social. É a essa altura que as experiências de exploração e de opressão vividas pelas personagens criadas por Zola e Steinbeck causam sentimentos de desprezo, de vergonha, de ódio e de discriminação. Qualquer reação política para enfrentar ou escapar disso aparece como possibilidade, mesmo considerando a pesada carga ideológica que os trabalhadores tinham contra si. O horizonte se mantém aberto, mas a experiência da pobreza que se desdobra em humilhação não se desfaz prontamente.

Com Zola e Steinbeck (isso se estende também a Singer, Asburg e Sinclair), é possível retornar à proposta de examinar essa literatura em pontos em que ela se preocupa com sujeitos subalternos, aspectos que podem se tornar problemas para a pesquisa histórica. As personagens de ficção geralmente aceitam ser avaliadas em sua carga afetiva, algo que a história dificilmente se propõe ou se interessa. Passaria então a observar o que uma narrativa literária

eventualmente tem de específico para proveito da pesquisa histórica, me favorecendo de várias advertências sobre o emprego desacertado e infrutífero desse tipo de aproximação (CHIAPPINI, 2000). Embora isso não seja novidade, merece maior investimento. A literatura pode ser útil para estimular o trabalho que o historiador realiza quando precisa reconhecer os protagonistas na história que escreve. Os seus sentimentos e percepções traçam conexões para a compreensão de uma época, de uma cultura, de um grupo social, de seus costumes e de seus preconceitos. Em grande medida, o espírito do bom romance é o espírito de complexidade (KUNDERA, 2016, p. 26).

Para encerrar, há dois pontos que gostaria de sublinhar. O primeiro diz respeito à literatura ser potencialmente uma fonte para a história. Em teoria, o historiador pode lidar com narrativas literárias que lhe deem material histórico para a sua pesquisa, seja a obra um documento de época, um discurso sobre um tempo passado ou os dois juntos (PESAVENTO, 2003). Essa referência se encontra estruturada no longo e sólido aprendizado dos historiadores acerca da noção de fonte histórica e do tratamento heurístico relativamente a documentação. É uma questão quase incontroversa no campo historiográfico e, ao mesmo tempo, largamente exitosa nos trabalhos de investigação acadêmica afetos.

O segundo considera que tentativas de copiar e de recriar a realidade na literatura podem produzir conhecimento com inteligência e utilidade capaz de motivar a sensibilidade e o interesse de historiadores para elaborar (ou reelaborar) hipóteses de pesquisa relevantes. Há tempos, Georges Lukács chamou a atenção para uma intersecção semelhante a essa. Falando em “reflexo artístico da realidade”, ele sugeriu a ideia de que a abordagem fragmentada do romance, compreendida como uma parte do mundo real organizada em uma narrativa, poderia expor ângulos da totalidade histórica com potencial para problematizar a realidade. Lukács sublinhou serem mais significativas no romance as perspectivas centradas naquilo que “poderia” ter sido do que em

tentativas de estabelecer o que “aconteceu”, dando a perder o tipo de literatura que tomou por regra fazer cópias da realidade (LUKÁCS, 1966, p. 30-32). Haveria na literatura chaves de análise (esboçadas ou prontas) com potencial para explorar a realidade em aspectos até então pouco sondados pelo historiador. Seria um engano não considerar Lukács nesse ponto.

Por fim, também a esse respeito, Antonio Cândido sugeriu que, nos romances, as personagens seriam criadas e controladas pelos escritores. A complexidade do elenco (especialmente o elenco principal) pode ter uma profundidade insondável, mas é lida dentro do romance e, muitas vezes, do contexto histórico ao alcance do leitor, à medida que, na vida real, os homens traduzem o que são como efeito de suas experiências (CÂNDIDO, 1981, p. 58). Essa última nota ajuda a colocar o açougueiro em evidência para um estudo histórico. Os autores selecionados apresentam três visões e abordagens com distinções que são pontuadas nas seções seguintes, e que se desdobram, por óbvio, de três vivências e experiências específicas. Isso reforça o argumento principal desenvolvido neste texto, o de explorar um sujeito social historicamente definido em três escritores de modo a saber o que ele pode acrescentar à História Social dos Trabalhadores.

OS AÇOUGUEIROS DE ISAAC SINGER

Isaac Bashevis Singer foi um escritor judeu, nascido na Polônia, em 1902, e prêmio Nobel de Literatura, em 1978. Ele migrou para os Estados Unidos em 1935, quatro anos antes de a Alemanha invadir seu país. Embora tenha escrito sua obra nos Estados Unidos, os temas, os contextos e as personagens foram quase que inteiramente referidos aos tempos vividos na Polônia. O seu engajamento na defesa dos animais e a decisão de ser vegetariano certamente influenciaram a elaboração de dois contos críticos ao trabalho dos açougueiros. Foram formulados ao longo da década de 1960, com

uma complexidade diferente do livro de Asbury. Eles são grotescos e difamatórios.

Singer emprega analogias na estruturação dos contos: *Sangue*, publicado em 1962, e *O açougueiro*, em 1968. Em ambos, ele busca interditar moralmente tanto a matança de animais quanto o consumo de carne. A sua posição contrária ao abate de animais e ao consumo de carne organiza a escrita dos textos. Para ser convincente, Isaac cria uma personagem que se vê obrigada a ocupar a função de açougueiro oficial de uma comunidade judaica. Cabia a ele matar os animais segundo uma antiga tradição cujo objetivo pretendia garantir uma carne espiritualmente pura para o consumo. Na Torá, existe pelo menos um ponto importante relacionado a essa questão. A ingestão de sangue deve ser evitada, e isso implica dizer que o sangue está conectado com as paixões e os instintos animais. Esse argumento ordena os dois contos e o caráter das personagens. A repulsa pelo sangue, pela carne e pela morte de animais é como uma questão de moral e de caráter.

O mais conhecido dos contos é *O açougueiro*, de 1968, publicado no livro *The Séance and Other Stories*. Nele, Isaac sublinha negativamente o abate de animais para a produção de carne. Não era uma ideia incomum em seu tempo, começo do século XX. O sentimento de proteção aos animais crescia nas grandes cidades como parte de uma consciência humanista que se desdobrava do século XIX e que, por vezes, se completava com a aversão ao consumo de carne. Em uma visão intermediária à prática dominante de matar animais para um mercado em crescimento, Isaac apela ao rito judeu por meio do qual se acreditava que o abate produzia uma carne espiritualmente pura. “Quando você abate um animal com uma faca purificada e com piedade, você libera a alma que reside nele” (SINGER, 1968, p. 18).

O conto começa com um impasse. Yoineh Meir, jovem judeu, chegou à cidade de Kolomir para ser rabino, como seu pai e seu avô haviam sido. Yoineh era um hassidista de Trisk (um ramo mais radical do judaísmo), fato que lhe

rendeu a resistência dos judeus vinculados à dinastia de Kuzmir. A rejeição aos hassiditas era tamanha que os levou a subornar um funcionário para nomear outro rabino. Como Yoineh precisava sustentar a si e a sua família, foi nomeado o abatedor de Kolomir. Essa era uma função especializada, à medida que os judeus confiavam apenas em carne de animais abatidos segundo um rito religioso que tornava a carne pura para o consumo. Esse rito judaico só podia ser executado por alguém treinado, que soubesse a “Beracha”, oração que antecedia a degola do animal. O golpe com a faca deveria ser rápido e profundo para levá-lo à inconsciência, evitando, desse modo, sofrimento. Ao mesmo tempo, o máximo de sangue deveria ser drenado, o tornando a carne pura.

Embora Yoineh não suportasse a visão de sangue, sentiu-se obrigado a enfrentar tal situação. Na condição de homem piedoso, ele se compara a Deus e examina se a sua compaixão era maior do que a de seu Criador. Da leitura da Torá, ele encontra a sua resposta no diálogo entre Deus e Moisés, exatamente quando Deus instruiu Moisés a respeito das formas de abater e eviscerar os animais para retirar-lhes as impurezas. Ali estaria o mistério dos mistérios: “vida, morte, homem, animal” (SINGER, 1968, p. 19). Certo de ter-se convencido do novo ofício, ele começou a estudar as regras do abate judaico.

Apesar desse esforço, o terror, a repulsa e o medo não desaparecem. O consolo esperado na religião não veio ao seu encontro. Paralelamente, ele começou um agudo e vigoroso combate às suas crenças, anunciando que não iria sacrificar animais, nem que essa desobediência lhe custasse a renúncia ao paraíso. Ele tinha pesadelos cada vez mais frequentes com animais até que as imagens que o assombravam se tornaram delírios. Ele sentiu-se perseguido. Organizou a sua leitura de mundo em termos religiosos. Para ele, a sua compaixão era maior do que a de Deus; afinal, ele sofria imensamente com o abate de animais. Seu Deus, definido no Antigo Testamento, se mostrava implacável e vingativo.

O tema central desse conto é o abate de animais e o conflito vivido por Yoineh em torno de sua função de abatedor. Há três pontos importantes nesse enredo relacionados à imagem pejorativa dos açougueiros. O primeiro diz respeito à defesa que Isaac faz dos animais e da abolição do consumo de carne. Ao longo de sua vida, ele assumiu uma posição militante de proteção dos animais e do vegetarianismo. Isaac participou de manifestações contrárias à crueldade praticada em/com animais e à forma mais radical desse ato, a morte. Dizia que não haveria justiça entre os homens se eles continuassem abatendo os mais fracos que eles, em uma clara referência aos animais.

Nesse contexto criado por Isaac, a comunidade judaica/polonesa desempenha o papel de antagonista aos sentimentos de Yoineh, que fora rebaixado de quase rabino para o posto de abatedor dos animais que abasteciam os açougueiros do lugar. Ao mesmo tempo, há uma identificação entre Yoineh e Isaac, ambos descendentes de pais e avôs rabinos hassídicos. É certo que se trata de uma aproximação proposital. Nesse caso, contudo, pode-se dizer apenas que Isaac emprestou a sua própria história a Yoineh, ou parte dela. Isaac projetou na personagem a resistência contra o abate de animais, mas o fez à custa de um perfil crescentemente neurótico. Isso nos leva ao segundo ponto.

Completados três meses naquele ofício, Yoineh não conseguira se adaptar. Ao contrário, sentia-se mergulhado em sangue. “Seus ouvidos eram preenchidos pelo cacarejar das galinhas, pelo canto dos galos, pelos sons de gansos, bois, novilhos, cabritos, enfim, um tipo de recusa a aceitar qualquer justificativa para o abate de seus corpos” (SINGER, 1968, p. 20). Ele assistia assombrado aos açougueiros esquartejarem e depenarem galinhas ainda vivas. O seu mundo o aterrorizava, e por mais que buscasse abrigo ou alívio na religião, nada que lhe trazia conforto.

Isaac faz esse quadro evoluir rapidamente para uma neurose. O seu horror à matança de animais se tornou uma condenação de si mesmo, um tipo

de autodegradação que lhe tomou até mesmo o tempo de descanso, invadindo o seu sono. As cenas dos abates se reproduziam em pesadelos. Yoineh se via tomado por algum tipo de zootropia. Em seus pesadelos, os animais assumiam a forma humana. Um bezerro se transformou em uma moça que implorava pela própria vida. Uma ovelha tomou a forma de sua esposa. Em outras variações, cabritos e aves protestavam em coro, falando na língua de Yoineh. No auge de seus pesadelos, ele foi atacado por um touro. O seu inconsciente convertia em inimigos todos os animais que ele havia abatido. Outros se insurgiam em solidariedade aos “assassinados”. Yoineh se via como um homicida. A moral e a ética que o pressionavam para cessar os abates compunham forças com as mensagens enviadas de seu inconsciente, cujos efeitos lhe tornaram obsessivo. Sem uma solução de continuidade para a vida, Yoineh perdeu a sanidade aos olhos da esposa.

Ato contínuo, ele se jogou em uma fuga pela floresta. Sentindo-se perseguido por seus pesadelos, o açougueiro se lançou ao rio para morrer. No próprio ato de se afogar, parece ter procurado a purificação pela água. A última ironia de Isaac: durante dois dias, os açougueiros procuraram por Yoineh. Obviamente, quando o encontraram, restava apenas o corpo, carne e ossos, matéria-prima dos magarefes. Os moradores daquela comunidade judaica lhe deram um funeral, o perdoaram e imediatamente saíram a procura de um novo açougueiro.

Em 1963, sete anos antes de publicar *O açougueiro*, Isaac Singer estreou seu primeiro conto claramente contrário ao abate de animais e ao consumo de carne. A abordagem se igualava ao conto seguinte, do jovem Yoineh, principalmente no que diz respeito ao caráter (quase) surreal das personagens e de espaços cênicos definidos cirurgicamente. A estratégia empregada para estruturar a sua narrativa recorre a componentes limítrofes da realidade, como a loucura e a fantasia. É o caso da neurose obsessiva desenvolvida por Yoineh quando se viu obrigado a matar animais. Resumido à posição de açougueiro, o

seu inconsciente pressionava as suas crenças e valores, debilitando progressivamente a sua saúde mental.

O conto *Sangue*, de 1962, foi publicado no livro *Breve Sexta-feira*, quando Isaac contava com 60 anos de idade e já era um ativista pelos direitos dos animais. Nesse conto, ele argumenta subliminarmente que a selvageria cometida contra animais (manifestada no abate realizado por açougueiros) contamina e corrompe os espíritos de homens e mulheres, tornando-os capazes e propensos a atrocidades. Em tal contexto, novamente, o açougueiro é tornado uma figura desprezível e primitiva. Isaac apresenta um açougueiro subornável, amante inescrupuloso, sádico e impiedoso que se associa a uma mulher desonesta e ambiciosa, Risha, cuja meta consistia em se apossar dos bens materiais de seu marido, Reb Falik, um senhor com mais de 70 anos de idade. Sem herdeiros, ele fora seduzido por ela. Risha tinha 30 anos de idade.

O primeiro contato com Reuben, o açougueiro, ocorreu por ocasião da morte do homem que abatia os animais da fazenda. O diálogo inicial entre eles marca o argumento central do conto. Isaac sublinha a sordidez do casal. A índole trapaceira e torpe de Risha se uniu à desonrosa e indigna ocupação do açougueiro. Desse ponto em diante, a caracterização do casal é mais clara. Risha levou um saco cheio de aves para que Reuben as degolasse. Perguntado se poderia matá-las, o açougueiro disse: “Que mais [eu] poderia fazer? Ressuscitar aves mortas?” (SINGER, 1978, p. 22). Risha continua: “Não sente pena?”. Com um ganso preso em uma das mãos, ele replica: “Na base da piedade, ninguém se torna açougueiro” (SINGER, 1978, p. 22). Iniciou-se, desse modo, uma parceria incomum, escorada no adultério, na desonestidade comercial e em um tipo peculiar de relação sexual.

A infidelidade se dava às custas do marido devoto e idoso que passava grande parte do tempo recitando salmos. A pedido de Risha, Reuben mudou-se para a fazenda. Lá, contratado para abater animais, necessitava de um álibi que justificasse a sua presença permanente, pois degolar poucas galinhas por

semana levantaria suspeitas. O arranjo foi feito. Risha encheu a fazenda de gado e abriu um açougue na cidade. O preço da carne, inferior ao valor acertado entre os demais açougueiros, logo fez a fortuna de Risha. Os açougueiros e a administração da cidade se opuseram aos preços estabelecidos por ela, mas os pobres apoiaram e legitimaram a presença de Risha no mercado. Desse modo, a livre concorrência se estabeleceu por meio da prevaricação.

Ao reunir Reuben e Risha, Isaac pretendeu alinhar a narrativa do conto às ideias de imundice, promiscuidade e sadismo. Depois de seduzir o açougueiro, Risha passou a auxiliá-lo em pequenas tarefas, como na amarração de bois e vacas. Ela observava o abate e o esguicho de sangue provocado pelos cortes na jugular dos animais, e o fazia com estranho prazer que se misturava ao desejo carnal por Reuben. Tudo isso encaminhou-se para um ritual selvagem em que a agonia dos animais abatidos levava à luxúria. Mas isso não bastou. Com promessas de riqueza, Risha forçou o açougueiro a seguir pelo caminho que ele a ajudou a construir. Reuben demorou a ceder. Respondia que um açougueiro é responsável por qualquer desdouro na faca que pudesse tornar a carne impura. O assédio de Risha o vergou. Ele desistiu e obedeceu à amante. Risha lhe comprou por inteiro, e ele não vacilou em destruir o mercado controlado pelos açougueiros.

Depois de se entregar às propostas de Risha, ambos deslizam rapidamente para um campo incomum de práticas sexuais sádicas, que misturam o prazer de matar animais e de se lambuzarem de sangue com o coito propriamente dito. Além de desonesto, Reuben é pervertido. Em um plano mais sutil da narrativa, Isaac argumenta que o desejo do casal é realizado em uma simbiose entre o sangue dos animais abatidos e o coito. No conto, os costumes são transgredidos de tal forma que Reuben e Risha tentam esconder os momentos de transe buscados cotidianamente em meio aos abates de animais. Os rumores que alertavam os moradores da cidade a respeito desse rito ímpar

convergem para a formalização de denúncia, construída e comprovada por um espião encarregado de vigiar o casal. Eles foram pegos em flagrante.

Tão logo a notícia se espalhou, os desdobramentos criaram uma histeria em cadeia. Todos se repreenderam por terem comido carne impura há anos. A revolta começou contra os açougueiros que vendiam a carne abatida por Risha. A população enfurecida os espancou e lançou suas carcaças à rua. Um amigo de Risha a socorreu e a alertou sobre a vinda de uma turba até a fazenda. A sede de vingança era uma resposta à falsificação da carne. Reuben fugiu e Risha decidiu permanecer e defender a propriedade. Ela mobilizou seus empregados para enfrentarem a revolta. Eles se armaram com facas, facões, foices e cutelos. Foi uma pequena milícia que abrandou os ânimos dos judeus rebelados e os fez desistirem da vingança. Poucos continuaram ali, até serem persuadidos pelo líder da comunidade a se retirar.

Naquela circunstância, Risha os desafiou aos gritos: “Deceparei suas cabeças com esta faca – a mesma faca que usei nos cavalos e porcos que os obriguei a comer”. Ela assumiu o crime e o pecado de vender carne de cavalo por gado e de mascarar o porco, fazendo-o passar por outro animal, a fim de negociar a sua carne com maior lucro. Nesse caso, o crime foi de natureza religiosa para os judeus. Repudiar o consumo de carne de porco compunha a ética ascética judaica, cujo limite não se podia transpor sob o risco de cometer crime e ser fortemente estigmatizado. Essa importante regra para os judeus está inscrita no Antigo Testamento, no livro de Levítico, capítulo 11 e versículos 7-8, no trecho que condena o porco como impuro, “porque tem cascos fendidos, e fenda dos cascos se divide em duas, mas não ruma; estes vos será imundo”.

Assim contextualizado, não haveria exagero na reação histórica daqueles que protestavam. Risha decidiu se jogar contra a excitação descontrolada dos judeus. Olhando a história inteira a certa distância, Isaac tipificou o percurso de Risha. Primeiro, a sedução de um velho rico. Depois, a escolha de um objeto de seu desejo, que fora completamente subjugado, ao

ponto de lhe destruir a identidade de açougueiro. Por último, Isaac apresenta uma síntese de Risha. Gorda, cabelos desgrenhados, faca e cutelo presos às mãos. Com uma fúria singular, ela praguejava contra seus oponentes. Ela foi convertida em uma bruxa. E nessa condição, o protesto perdeu força. As poucas pessoas que resistiram, obedeceram à ordem de seu líder. Seguiu-se a isso uma solução pacífica. Risha barateou a sua carne e a vendeu “impura” ao povo pobre da comunidade, aqueles que por fé e religião continuaram a consumir segundo as prescrições para o abate judeu.

Reuben fugiu antes do confronto. Isaac deixou claro que essa covardia era constitutiva do açougueiro. Naquele momento, ele sentiu-se deprimido e com irremediável culpa. Viveu como mendigo durante anos. De outro lado, Risha se entregava à tristeza que só Reuben poderia curar. Ela definhou de tal modo que se tornou uma fera, mergulhada corpo e alma em sua própria saudade. Há tempos deixara de ser uma mulher aos olhos de Rabi e sua comunidade.

É possível olhar para isso de outro ponto. Isaac usou uma linguagem cênica para realçar os argumentos que desqualificavam o abate de animais. A primeira imagem é forte. Risha e Reuben entram em um tipo de excitação sexual, convertida em transe, desenrolada em meio ao sangue dos animais abatidos. Ambos são consumidos nesse ato. Isaac os transforma em animais. Os seus instintos não têm mediação; eles ferem duplamente as regras sociais ao protagonizarem uma cena por si só grotesca e aterrorizante que desrespeita a cultura judaica ao tornar impura a carne. O quadro montado por Isaac projeta propositalmente pavor. O sangue está presente em toda a cena. Os amantes se debatem em uma espécie de simulacro da agonia de porcos e vacas abatidos. Há nisso outro desenho. Risha e Reuben encenam animais, e os animais são mortos em sacrifício para transferirem características que deixariam uns e outros indistinguíveis. Rabi e seus seguidores desbarataram o ritual proscrito.

Representam a civilização em uma tentativa de repor a ordem cuja virtuosidade não comportava açougueiros.

O mais óbvio dos traços desse conto é a natureza corruptível do açougueiro. Mesmo os outros que formavam um cartel na cidade, e que eram coadjuvantes, são mostrados como obscenos. Primeiro, praticaram preços com elevadas taxas de lucro. Depois, passam a vender a carne de Risha e Reuben, contaminada do ponto de vista religioso. São perseguidos e espancados antes de os judeus reclamarem vingança contra o casal e marcharem para a fazenda de Risha. Clara também é a narrativa que conecta todas as personagens desse conto. Os protagonistas, seus antagonistas e os coadjuvantes, inclusa a massa de gente que se rebela contra a “falsificação” da carne que comprava, endossavam a morte de animais para o consumo de carne.

BILL, O AÇOUGUEIRO

Gangues de Nova York, publicado em 1927, foi escrito pelo jornalista norte-americano Herbert Asbury. De modo geral, esse livro tornou visíveis a presença de imigrantes irlandeses e a formação de gangues naquela cidade logo após a guerra de secessão. A sua narrativa é o desdobramento de uma intervenção metódica de Asbury no universo das gangues existentes em Manhattan, particularmente aquelas formadas por imigrantes irlandeses. O tema, a dramatização, os argumentos e a caracterização das personagens são composições de situações reais que Asbury via e estudava. A esse respeito, Daniel Balderston observou que Asbury era um escritor “que ouvia relatos das falas nas ruas e que também contava inacreditáveis contos da tradição oral estadunidense” (BALDERSTON, 2003, p. 31). De fato, o detalhamento sobre o lugar e os retratos da estratificação social e étnica dificilmente poderiam ser conhecidos sem pesquisa direta ou indireta.

O manejo do material de pesquisa para embasar o livro também é evidenciado em um artigo que Asbury redigiu e publicou em 1927, no qual descreveu e avaliou a origem dos cinco principais lugares em Nova York dominados por gangues. Embora curto, tratou-se de um inventário (ainda hoje) esclarecedor sobre um assunto pouco conhecido à época. A boa receptividade do livro o levou a escrever outros sete, cujos subtítulos reprisaram a estrutura de *Gangues de Nova York*. Dentre eles, *The French Quarter: An Informal History of the New Orleans Underworld*, de 1936, e *The Great Illusion: An Informal History of Prohibition*, de 1950. Entretanto, nenhum repetiu o êxito de *Gangues de Nova York*.

Pode-se dizer que a pesquisa realizada por Asbury teve como objetivo destacar o submundo de Nova York a partir da presença de imigrantes irlandeses que buscavam trabalho na América. Foi esse tipo de imaginação que possibilitou a existência de “Bill, o Açougueiro”. Os bairros pobres de Nova York e a violência que caracterizava muitos deles inspiraram Asbury na criação da personagem. De um modo geral, o livro evidencia uma atmosfera hostil contra irlandeses. Esse tipo de discriminação foi real. Muitos jornais demonizavam imigrantes irlandeses e, frequentemente, divulgavam charges sobre eles, mostrando-os como bêbados, arruaceiros e hostis (ASBURY, 1927). Além disso, existe bibliografia numerosa que documentou a posição depreciativa dos imigrantes irlandeses, junto aos trabalhadores emigrados de países do leste europeu, como lituanos e eslovenos, por exemplo.

O lugar reservado aos imigrantes pobres iguais a Bill ajuda a explicar o mundo dos trabalhadores. E, uma das pontas de Manhattan, na década de 1850, o encontro de cinco ruas foi batizado de “Five Points”. Ali havia prédios de três ou quatro pisos feitos ou improvisados para imigrantes pobres recém-chegados da Europa. As descrições feitas por Asbury sobre o lugar são importantes para desenhar o contexto em que viviam e trabalhavam irlandeses, alemães cristãos, judeus, italianos, escoceses nascidos com sobrenomes irlandeses, americanos

negros e brancos. O censo de 1855 apurou que havia 49% de trabalhadores manuais sem qualificação contra 22% no restante de Nova York. Havia 40% de trabalhadores que declararam ter alguma qualificação e 11% remanescentes que estavam divididos em ocupações de melhor prestígio. Quanto àqueles registrados como trabalhadores manuais qualificados, em tese com melhores condições do que os demais, a característica de suas ocupações estava marcada por baixos salários e atividades precárias (ANBIDER, 2010, p. 98-114).

Escrevendo em 1842, treze anos antes do censo de 1855, Charles Dickens percebeu e criticou esse quadro. Ele adjetivou o “Five Points” de um mundo de vício e de miséria, a fronteira de uma explosão social. Embora exista quem relativize visões como a de Dickens, argumentando serem exageradas, é fato que as gangues tomaram tais lugares como seus domínios, rivalizando entre si de forma bastante violenta. Bill integrava aquele universo denunciado por Dickens.

Em regra, muitos imigrantes tomavam a direção do “Five Points” porque desembarcavam com pouco dinheiro nos Estados Unidos. Precisavam desesperadamente de trabalho e não tinham escolha. Alguns recém-chegados mantinham expectativa de conseguir emprego no mesmo ramo em que trabalhavam na Europa. Outros aportavam na América com grande ambição e determinação para conseguirem uma melhor ocupação (ANBIDER, 2010, p. 111). As confecções eram as principais empregadoras na região de Manhattan investigada por Asbury. Elas ocupavam famílias inteiras principalmente na fabricação de roupas femininas. Os homens se encarregavam de cortar tecidos segundo os moldes fornecidos pelas empresas, as mulheres cuidavam da costura e os menores auxiliavam em alguma tarefa simples. Essa divisão do trabalho garantia o sustento da família e um lucro responsável pelo enriquecimento dos empregadores. Muitos deles expandiram seus negócios para lojas e indústrias do mesmo ramo. O que atualmente é conhecido como terceirização, foi um dos tipos de contratos predominantes no “Five Points”.

Uma pequena minoria de famílias imigrantes progredia economicamente no mesmo ramo e se transformava em patrões, mas esses não foram a regra (HIIS, 2016).

Havia aqueles que não encontravam emprego por diversas razões, por isso, trabalhavam como mascates, trapeiros (cujos trapos recolhidos alimentavam fábricas de papel), sucateiros e carroceiros. Eram trabalhadores muito pobres que tiveram a oportunidade de prosperar com o arranque da economia no último quarto do século XIX, embora a custa de aumento da produtividade do trabalho que os maltratou fisicamente, em especial, nos segmentos menos qualificados e ocupações manuais. Tomado o Reino Unido como referência (100% em 1869), o cálculo da evolução da produtividade do Produto Interno Bruto nos Estados Unidos 1869 a 1911 foi de 89,8 para 117,7 (BROADBERRY, 1997). O crescimento do setor de serviços demandou o trabalho de transporte. A população que formava a base da classe média estava em crescimento e consumia produtos de vendedores de porta em porta. Um pequeno número de trapeiros, por sua vez, conseguiu se estabelecer como comerciantes em meio à indústria da reciclagem (ZIMRING, 2005). Essa mobilidade também não era a regra. Em outra posição mais baixa nessa escala social, estavam os embusteiros, os ladrões e as prostitutas. A especialização desses serviços aumentava a diversificação daquele mundo. Nas imediações, os trabalhadores contavam com numerosa oferta de prostíbulo (CHAUNCEY, 2008). A oferta desses serviços era bastante diversificada, o que se aplica igualmente às pessoas que movimentavam tais atividades. Um exemplo é “Paresis Hall”, localizada entre a 5ª avenida e a Bowery, que se notabilizou porque disponibilizava adolescentes e jovens adultos do sexo masculino travestidos de garotas. Servia ainda como lugar de encontro para gays. Além desse “bordel de garotos”, havia pelos menos outros seis na região (DITMORE, 2006, p. 343).

Esse ainda é um quadro incompleto. Jacob Hiis chamou essa parte de Nova York de “a outra metade”, em contraste com os demais bairros da cidade que se encontravam em melhores condições. Ele se referiu à precariedade das moradias, à sujeira que invadia as ruas e, obviamente, à presença humana bastante estigmatizada.

Bill, o açougueiro, se fez naquele lado da cidade. Em meio a ladrões, prostitutas e assassinos, ele despontou como líder de uma gangue. Inteligente e persuasivo, não conseguiu impor-se à frente daqueles trabalhadores, não fossem as suas habilidades peculiares de açougueiro, particularmente o domínio do manuseio de facas, e a disposição de aniquilar exemplarmente seus adversários. É verdade que Asbury pode ter exagerado ao falar nas gangues e a sua relação orgânica e sistemática com a violência. Todavia, isso não desfaz o fato, criado e articulado por ele no plano da literatura, de os açougueiros não gozarem de boa reputação, fosse o contexto pouco ou muito violento. Uma das imagens que se tem do açougueiro é composta pelas facas e serras que integram o seu cotidiano.

Naquele contexto, Bill apareceu formatado de açougueiro, líder de um grupo de embusteiros que aterrorizava os “cinco pontos”, lugar onde atualmente se localiza a Broadway (Manhattan). Igualmente à maioria dos irlandeses, ele estava limitado a ganhar a vida como um trabalhador dos mais baixos estratos no mundo do trabalho, quase sempre estigmatizado como criminoso. Bill era, ainda, em uma hipótese razoável, identificado com “Billie the Kid”, conexão proposital com determinado tipo de bandido social. O açougueiro mais famoso na literatura foi exibido como uma espécie de anti-herói, marginal e avesso às convenções. Há nisso um nítido traço de nobreza que faz de Bill uma referência de força, de contenção a qualquer descontentamento que seus pares demonstrassem dentro de seu domínio. Esse aspecto, o de um proscrito, interessa aqui; afinal, Asbury o escolheu para representar o submundo de Nova York.

Além disso, Bill é expressão de um tipo de subalternidade às disputas eleitorais do local. Ao mesmo tempo em que está acima dos demais trabalhadores do submundo de Nova York, ele serve aos interesses de políticos que precisam alguma intermediação com trabalhadores pobres que não são alcançados por seus discursos e promessas. É um tipo de aliança entre desiguais, e Asbury sabia disso. Esse elemento histórico, que empresta forma e cor à personagem, eleva ainda mais as características depreciativas de Bill, líder de uma gangue e laiaio de políticos.

Prolonguei esse esforço de exame sobre a composição e o significado de uma das principais personagens da ficção de Asbury para destacar a complexa visão a respeito do açougueiro no século XIX. Relativamente aos séculos passados, pode-se cogitar um declínio em seu prestígio, que já era baixo. Resta disso uma aproximação no rumo de determinada percepção histórica. Da mesma forma, trata-se de uma operação que possibilitou sondar a existência e o prestígio de açougueiros em meados do século XIX, há poucos anos da estruturação dos primeiros frigoríficos e de suas enormes plantas produtivas capazes de reunir centenas de trabalhadores.

MUDANÇAS DO TRABALHO NO ABATE DE CARNE

The Jungle, escrito por Upton Sinclair, foi publicado em 1906 nos Estados Unidos. Nele, o autor esmiúça a realidade vivida nos grandes frigoríficos do início do século XX. A preparação do livro contou com diversas matérias escritas em 1904 e 1905, a respeito da exploração do trabalho nos frigoríficos de Chicago. Sinclair entrevistou trabalhadores ocupados em frigoríficos e redigiu artigos para o semanário socialista *Appeal to Reason*. Militante socialista engajado, ele apresentou, na primeira parte de seu livro, uma síntese bem-organizada do que acontecia em frigoríficos como Swift e Armour.

Havia quinze ou vinte bois nos currais e era uma questão de um par de minutos para golpeá-los e rolá-los para fora. Então uma vez mais os portões eram abertos e outro lote era introduzido apressadamente. [...] A maneira com que os trabalhadores faziam isto era alguma coisa que se via e nunca mais se esquecia. Eles trabalhavam com intensidade furiosa, literalmente correndo – numa passada que não havia nenhuma comparação, exceto com uma partida de futebol. O trabalho era altamente especializado, cada homem tinha sua tarefa para fazer; geralmente isto consistia em dois ou três cortes específicos que ele fazia em quinze ou vinte carcaças de bois, numa linha. Primeiro vinha o “açougueiro”, para sangrá-los; ele desferia um rápido golpe, tão rápido que você não conseguia vê-lo – somente o lampejo da faca; e antes que você pudesse perceber aquilo, o homem já tinha disparado para o próximo da linha, e uma torrente de sangue vivo escorria pelo chão. Este chão estava coberto com 1,5 centímetros de sangue, a despeito dos melhores esforços dos homens para removê-lo com pás (SINCLAIR, 1965, p. 48).

Sinclair examinou de perto o trabalho com a carne. A força de seus argumentos e o ineditismo das descrições (quase fotográficas) das condições de trabalho e de moradia conferiram ao livro o estatuto de documento histórico. O impacto decorrente da circulação do livro chegou até a Casa Branca e mobilizou a atenção do governo Roosevelt, que não se sabe se sinceramente adotou medidas para apurar os pontos levantados por Sinclair. Uma comissão foi formada para investigar as condições de trabalho nos grandes frigoríficos, como Armour e Swift, instalados e concentrados em grandes cidades, a exemplo de Chicago, Cincinnati, St. Louis e Kansas City (KOLKO, 1963). O relatório da comissão confirmou o que Sinclair havia escrito; na sequência, o Presidente Roosevelt criou legislação semelhante a um ajuste de conduta nas plantas produtivas. Isso significou uma razoável mudança nas relações de trabalho.

É uma descrição impressionista. Por ela entende-se porque o governo Theodore Roosevelt se viu obrigado a intervir nas relações de trabalho nos frigoríficos. Sinclair esclarece que a produção estava ordenada em uma escala

de desmontagem. Bois e porcos eram empurrados para o interior dos frigoríficos, abatidos e retalhados por trabalhadores posicionados em linha. Via-se ali uma divisão do trabalho de novo tipo, um sistema industrial de “desmontagem”. Mais tarde, ela seria mundialmente conhecida e disseminada a partir das fábricas de Henry Ford, onde se montavam carros.

Não à toa, o livro de Sinclair é também um documento histórico a respeito da organização do trabalho. A linha de desmontagem desenvolvida nos frigoríficos de Chicago parcelarizou e simplificou tarefas de abate e de corte da carne de modo a credenciar ao trabalho pessoas que fossem capazes de manejar uma faca, um serrote ou que conseguissem carregar pesadas carcaças de boi. Isso se tornou uma vantagem para os frigoríficos. Permitiu a eles formarem uma numerosa população de trabalhadores flutuante, ora empregada, ora desempregada. Diariamente postada em frente os portões dos frigoríficos de Chicago, apenas uma parte dela conseguia ocupação. Essa cena, tantas vezes vista por Sinclair, provavelmente traduzia em que condições os trabalhadores pensavam o enfrentamento político com os patrões. Talvez em nenhum outro lugar a repercussão do que Marx chamou de exército industrial de reserva foi tão exemplar.

O enredo do livro também é trágico. Jurgis, a personagem principal, aspirava a uma vida demarcada pela constituição de família. Ao desembarcar nos Estados Unidos, ele buscou trabalho para realizar seu plano. Conseguiu uma ocupação no frigorífico. Em pouco tempo, encontrou uma mulher que se tornou a sua esposa. Ato contínuo, ele comprou uma casa, mas fez um péssimo negócio. Embaraçou-se na má-fé do capital mobiliário do lugar. Nada parecia dar certo para Jurgis. Seu pai conseguiu um trabalho no mesmo lugar que o filho, mas foi obrigado a pagar um terço do salário para o homem que intermediou a sua contratação, um tipo de pedágio. O filho de Jurgis nasceu e seu pai morreu depois de adoecer devido ao trabalho em cômodos gelados e úmidos no frigorífico. Ironia da história, Jurgis escorregou no mesmo chão

insalubre que seu pai limpava por um salário mísero. Em meio ao chão encharcado de sangue e gordura, Jurgis se desequilibrou, caiu e machucou seriamente o tornozelo. Impossibilitado para o trabalho, foi demitido e não conseguiu outra ocupação. A renda familiar despencou.

O salário de Ona não era suficiente para os três. Nessa dramática situação, repete-se o enredo clássico do mundo burguês, impondo à mulher trabalhadora vender seu corpo como força de trabalho e como prostituta. Ela se rendeu ao assédio de seu chefe no frigorífico e se prostituiu. Jurgis ficou revoltado e se sentiu humilhado; tentou se vingar agredindo o chefe de sua esposa, o que culminou com sua prisão.

Depois de algum tempo, Jurgis foi solto, voltou para casa e não encontrou a família onde morava. A esposa e o filho haviam sido despejados e se socorreram temporariamente em uma pensão. Jurgis os reviu exatamente quando Ona entrou em trabalho de parto e morreu. Sem saber o que fazer depois da morte de sua mulher, Jurgis enfrentou a perda do filho, afogado em uma poça de água formada pela chuva, depois de ter caído de seus braços. É uma cena improvável e talvez esse seja o ponto mais curioso e importante da imaginação de Sinclair, um lugar no qual a narrativa não consegue levar tão longe a conexão entre a miséria humana e social produzida pelo capitalismo e o horror vivido por famílias como a de Jurgis. Trata-se da construção de uma visão crítica contra o capitalismo. No livro, quando não se enxerga qualquer saída para Jurgis, a militância socialista lhe aparece como uma solução redentora que lhe repõe o sentido de viver.

Esse não é um roteiro desconhecido; se aproxima muito da abordagem socialista realizada por Engels em 1842 a 1844 e que originou *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, em que todos os temas presentes, sessenta anos depois em *The Jungle*, foram examinados de perto em pesquisas feitas nas ruas e em bairros operários. Desse esforço, Engels observou a dinâmica histórica da industrialização, da situação das moradias dos trabalhadores e das

manifestações operárias. Estão lá a exploração do trabalho, a condição degradada das moradias, o despotismo dos patrões e chefetes, a chantagem sexual sobre as mulheres e o descuido com tudo que era humano naquele universo. Ele vê esse mundo interligado à escalada crescente da expropriação burguesa sobre os trabalhadores. Sinclair também enxerga esse quadro quando extrai seu material de pesquisa dos arredores dos frigoríficos de Chicago. O capitalismo manteve um padrão de exploração durante 60 anos no que diz respeito à comparação das cidades industriais inglesas da década de 1840 e os matadouros de Chicago. E se antes o operário têxtil se constituía alvo de sua riqueza, aos olhos de Sinclair, o sofrimento mais extremo se expressava nas experiências vividas na indústria da carne. Além disso, o livro de Engels termina avaliando historicamente as possibilidades de organização política dos trabalhadores como uma saída única para pôr fim ao capitalismo.

Nas leituras de Engels e Sinclair, Manchester e Chicago são lugares marcados pela inteira presença do capital. Não há progresso nem prosperidade para os trabalhadores. Em contextos semelhantes, a família de Jurgis funciona como um protesto contra o capitalismo. Sinclair começa seu livro mostrando as expectativas de lituanos emigrados para os Estados Unidos, sublinhando bons sentimentos desdobrados dos empregos encontrados, da casa alugada, do casamento de Jurgis com Ona, da celebração daquela comunidade improvisada nos arredores do frigorífico. Mas o capitalismo não deixa essa estrutura de pé por muito tempo. Ele se materializa na autoridade e despotismo dos chefetes do frigorífico, no recrutamento de trabalhadores realizado nos portões de entrada, nas condições degradadas de trabalho, na intensidade da exploração em todas as ocupações e atividades e na extração da mais-valia. Esse é um formato histórico clássico do capitalismo industrial, como também o são as consequências discutidas por Sinclair, como a discriminação, a miséria, a fome, a morte e a prostituição.

É difícil encontrar uma obra literária que esteja tão próxima da história como essa e igualmente tão impressionista. Nesse caso, encurtar a distância entre ele e a realidade nos frigoríficos não é um defeito ou erro, mas parte de uma estratégia para ver de perto os trabalhadores e se envolver com seus dramas de modo a nutrir o enredo com situações reais e vividas. O mundo de Jurgis e de gente igual a ele leva algum tempo para se mostrar frustrante. Para Jurgis e sua família, a sua imersão ali não esteve inteiramente mergulhada na opressão. Houve espaço para esperança e realização de sonhos. Em tempo breve, Sinclair começa a sua narrativa com a alegria de Jurgis ao encontrar um emprego, se casar, comprar uma casa, para, no momento seguinte, perder tudo em seguidos lances. São golpes ilegíveis para o protagonista. Ninguém escapava ileso daquele mundo.

Desnortado nessa trajetória e incapaz de compreender a razão de tanta desgraça, Jurgis se juntou a militantes socialistas e encontrou algum conforto na crítica ao capitalismo. Meio século separa os mundos descritos de Herbert Asbury e Upton Sinclair. Nos anos 50 do século XIX, a carne comercializada ainda estava sob o domínio de açougueiros. Os frigoríficos não sabiam como congelar e transportar a carne. Os vagões refrigerados se tornariam viáveis apenas na última década do século XIX. No entanto, os açougueiros não desapareceram inteiramente; tornaram-se progressivamente recessivos, em uma razão inversa ao domínio dos frigoríficos.

Na virada do século XIX para o XX, apenas seis frigoríficos dominaram 90% do mercado norte-americano. Em 1902, quando Sinclair pesquisava as condições de trabalho nos frigoríficos em Chicago, Armour, Swift e Morris, as maiores plantas produtivas de lá, formaram uma *holding* (*Nacional Packing Company*). A logística para distribuição da carne também foi incrementada nesse período. Os principais frigoríficos juntos detinham a propriedade de 91% de todos os vagões refrigerados do país e o controle sobre os maiores estoques de animais. Das seis mil cidades acessadas por trens, os cinco maiores

frigoríficos chegavam a outras 58 mil. Swift e Armour levavam seus produtos a 58 mil cidades. (BARRET, 1990, p. 13-35). A natureza oligopólica do processamento da carne tornou açougueiros dependentes dos produtos congelados transportados e vendidos pelos grandes frigoríficos. Em grande medida, os açougues integraram mercados e supermercados, constituindo um modelo vigente ainda hoje. Os açougueiros tenderam a desaparecer.

Ainda a respeito de Sinclair, o impacto de *The Jungle* não foi o único responsável pela atenção que o presidente Theodore Roosevelt deu ao que acontecia nos frigoríficos. É certo que a ação dos trabalhadores pressionou o governo por mudanças na linha de produção. E exatamente nesse sentido, a organização dos trabalhadores mostrou uma razoável complexidade que Sinclair percebeu. A leitura feita por ele também pode ser mensurada estatisticamente. Cerca de 2/3 daquela força de trabalho era estrangeira. Nessa condição, enfileiravam-se atrás de nativos brancos (pobres) e negros. Em ordem, vinham boêmios, alemães, irlandeses, lituanos, mexicanos, poloneses, russos, austríacos, eslovenos e tchecos, principalmente (BARRET, 1990, p. 39).

Até chegarem a se organizar politicamente (o que era facilitado pelo fato de habitarem os mesmos bairros e partilharem das mesmas condições de vida), os frigoríficos manejaram a diferença étnica como um dos principais mecanismos de dominação sobre a força de trabalho para manter os trabalhadores isolados em seus antagonismos culturais e chantageá-los com a perda do emprego. Upton Sinclair conseguiu traduzir isso com riqueza de detalhes porque foi um sujeito de visão e de experiências históricas privilegiadas. Ele esteve presente em um momento chave da estruturação da indústria da carne. Ele viu e avaliou o custo humano para garantir a produção e os lucros dos principais frigoríficos que caminhavam para a formação de um oligopólio. E como já disse, a sua percepção foi confirmada por estatísticas que mapearam o desempenho das empresas desse ramo.

Sinclair se aprofundou também relativamente às condições de vida daqueles trabalhadores. A sua descrição não poupou aspectos bizarros que caracterizavam a sorte de quem vivia nos bairros sob o domínio dos frigoríficos: latrinas ao ar livre, lixo espalhado pelas ruas, ruas tortas e escuras, casebres tão ou mais deteriorados do que as moradias existentes em bairros de má fama encontrados em Manchester da década de 1940, na definição de Friedrich Engels. Esse padrão de acumulação de capital, organizado por Philip Armour e Gustavus Swift nas duas principais plantas produtivas nos Estados Unidos do século XIX, se apoderou de todo o tempo dos trabalhadores. Nas plantas produtivas, a degradação do trabalho foi regra, e os donos dos frigoríficos testavam o limite daqueles trabalhadores o tempo todo. Em síntese, historicamente, a função do açougueiro cedia lugar aos trabalhadores expropriados e sem qualificação empregados nos grandes frigoríficos constituídos no final do século XIX.



CONCLUSÃO

www.revistafenix.pro.br

Espero ter compreendido adequadamente Singer, Asbury e Sinclair ao ponto de desenvolver objetivamente o argumento apresentado no início deste texto. A imagem do açougueiro nesses autores se mostrou negativa e se explica pelo caráter imundo de seu trabalho, retratado em uma situação de pobreza ímpar, ambientes sociais violentos e trabalho precário e superexplorado. Ao lado disso, o estigma atribuído por Singer leva o desasseio desse trabalho ao plano da personalidade de Risha e Reuben, tornando-os bestais porque abatiam animais e abasteciam consumidores de carne. Singer defendia os animais e era vegetariano. Ele escolheu os açougueiros para justificar a sua posição e os detratou.

Em *Judas, O Obscuro*, de Thomas Hardy, um jovem casal investe seu tempo na tentativa de abater um porco para comercializar a sua carne. Isso

acontece na Inglaterra da segunda metade do século XIX. Era comum os camponeses criarem algum excedente para negociá-lo em feiras e mercados locais, mas necessitavam da presença de um açougueiro habilitado na hora do abate para assegurar a procedência e a qualidade da carne.

Tendia a ser uma regra em desuso, embora resistisse com alguma força. No romance de Hardy, o açougueiro se atrasa e o casal de jovens decide matar e esquartejar o porco eles mesmos. O porco estava em jejum prolongado e podia morrer. Arabela deu instruções para o abate. Judas a escutou: “A carne deve ficar bem sangrada e, para isso, é preciso que ele morra lentamente. Perderemos quase uma libra, se estiver vermelha e sanguinolenta. Você atinja apenas a veia. Basta isso”. Ela se justificou: “Sei o que digo, porque fui criada vendo sangrar porcos. Um bom açougueiro leva muito tempo sangrando. É preciso que o animal leve uns oito a dez minutos morrendo” (HARDY, 1971, p. 71). Não era uma engenharia fácil. Judas recusou o conselho. Tenta poupar o animal do sofrimento prolongado e espeta o punhal no pescoço do porco. Poucos segundos se passaram até o animal morrer. Na visão de Arabela, aquela compaixão estragou a carne.

A situação construída por Hardy colocou em cena três sujeitos em torno de um animal cuja função é morrer para alimentar quem puder comprar a sua carne. Ocorre que nem Arabela, nem Judas, por diferentes razões, mostraram vontade sincera de assumir o posto de abatedor. Arabela, filha de criador de porcos, apesar de ter alimentado aquele porco durante meses, nutria ojeriza por repetir o mesmo enredo vivido anos a fio junto à sua família. Depois de casada com Judas, ela esperava uma vida longe dos chiqueiros. A sua frustração foi grande quando a possibilidade de fazer algum dinheiro extra dependia da criação de um porco. Por sua vez, Judas se compadecia do porco. Queria ser professor e viver em Christminster (nome fictício para Wessex). Quase alcançou a posição de um precoce defensor dos animais. Mesmo assim, pressionado pelo papel de chefe da família, apunhalou o porco.

Shallow, o açougueiro contratado para aquele trabalho, se atrasou muito. Chegou depois de quase tudo feito. Sentou-se ali perto e preferiu se divertir com o acontecimento. Ao mesmo tempo, ele também não se mostrava propenso a substituir Judas. Esse episódio provavelmente foi inspirado no tempo quando Thomas Hardy viveu a sua infância no campo. Ele viu de perto o abate de animais em circunstâncias parelhas com a que narrou. Resta claro que esse evento estava ali para explicar a distância entre o mundo de Judas e o de Arabela. Essa era a intenção de Hardy, e por ela vê-se também, colateralmente, valores funcionais que estigmatizavam o trabalho de açougueiro, o abate e o manuseio da carne e do sangue. É um pequeno ponto de passagem na obra. Judas pensava em ser professor e Arabela desejava ascender socialmente. Nada daquilo coincidia com o abate do porco. Cada um a seu modo expressou um sentimento de repulsa naquele momento. Os dois queriam e se esforçavam para escapar à sombra daquele mundo julgado rural, atrasado e sem graça. Thomas Hardy sugeriu isso em curta narrativa.

De qualquer modo, Hardy ajuda a retomar as três intervenções anteriores. Asbury, Singer e Sinclair criaram, separadamente, um domínio relativamente específico sobre a vida e o trabalho do açougueiro. Em todos eles, o estigma decalcado sobre os açougueiros constitui um dos principais argumentos das obras. Os corpos aparecem poluídos de sangue, ou assim são imaginados. Trata-se de um sinal atribuído ao trabalho, que forma, quase sozinho, uma identidade negativa. Nesse caso, a reprovação manifestada sobre o açougueiro e sobre o que ele faz para viver ganha força dos contextos que circunstanciam as personagens de Arburg, Singer e Sinclair.

Convém lembrar que os estigmas típicos são impressões visíveis e geralmente encaradas como um defeito. Uma pessoa que seja “aleijada”, ou cega, ou que tenha alguma deformação física ou retardo mental, carrega consigo um estigma. E necessariamente (ou dificilmente) essa identidade não gera repulsa (GOFFMAN, 1988). No período em exame, pessoas inscritas em

manicômios e presídios, por exemplo, eram rapidamente estigmatizadas, mesmo que permanecessem confinadas e longe do espaço público (FOUCAULT, 1989; GOFFMAN, 2015). No caso do abate de animais, desde o século XIX, os matadouros para longe da presença humana. Isso vale para o Ocidente, exceto nos Estados Unidos, onde os frigoríficos prosperaram relativamente em relação aos matadouros (LEE, 2008, p. 153-166). Os açougueiros se viram pressionados a obedecer à lei e a levarem as suas rezes e porcos para o abate nos matadouros. A inspeção estatal visava a garantir a qualidade e a procedência da carne, além de evitar sonegação fiscal. Obviamente, essa medida reduzia a autonomia do açougueiro.

Por fim, pode-se pensar em uma chave analítica decorrente das obras dos autores discutidos aqui, incluído Thomas Hardy. Do ponto de vista histórico, a industrialização da carne gradativamente submeteu açougueiros e suas lojas aos frigoríficos. Atualmente, os açougueiros trabalham em seções específicas de supermercados, cortando e pesando carnes, segundo os pedidos dos clientes. Eles cortam ou serram a carne congelada que vem dos frigoríficos. Eles ocupam a parte final do processo de produção. Os animais são criados em confinamento, levados para os frigoríficos, abatidos, retalhados e preparados para que cheguem à venda no varejo, em pedaços maiores ou acomodados em bandejas de isopor. Essa linha de produção retirou de cena a morte dos animais, a carne destrinchada, o sangue, a graxa e o fedor.

Tudo isso saiu do foco público e foi reorganizado nos frigoríficos e matadouros, que também se distanciaram dos centros urbanos. Desde então, a técnica que viabilizou o processamento da carne retirou de nós essa experiência, cujo desdobramento ético é difícil avaliar. Geralmente, ela é adquirida armazenada em bandejas de isopor, com absorventes para retenção de líquidos. Faz parte de uma racionalidade que torna supérflua a experiência com o processamento da carne. Ela é ofertada e vendida limpa, higienizada, classificada por tipo e identificada de acordo com o frigorífico que a preparou.

O abate, o desmonte do animal no frigorífico, o processamento e o congelamento da carne, enfim, todo trabalho realizado até dispor a carne em uma bandeja absorvente é desconhecido ou esquecido pelo consumidor. Como diria Marx, a “coisa pronta” tem um caráter alienado. Mas, de qualquer modo, na atualidade, o estigma de quem lida com carne nos frigoríficos tem outra historicidade, porém, igualmente relevante para ser estudada.

REFERÊNCIAS

- ASBURY, Daniel. **The old-time gangs of New York**. In *The American Mercury*. September/1927, pp.428-486.
- BALDERSTON, Daniel. **Borges and The Gangs of New York**. *Variaciones Borges. Revista del Centro de Estudios y Documentación Jorge Luis Borges*. No. 16. University of Iowa. 2003, p.27-33.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Ou o Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BARRETT, James R. **Work and Community in the Jungle**. Chicago's Packinghouse Workers, 1894-1922. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1990.
- BROADBERRY, S.N. **Forging Ahead, Falling Behind and Catching Up: A Sectoral Analysis of Anglo-American Productivity Differences, 1870-1990**. In **Research in Economic History**, Vol. 17, ed. Alexander J. Field. Greenwich, CT: JAI Press, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In CANDIDO, A. et all **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981, p.51-80.
- CHAUNCEY, George. **Gay New York: Gender, Urban Culture, and the Making of the Gay Male World, 1890-1940**. New York: Basic Books, 1994.
- CHIAPPINI, Lígia. **Literatura e História**. In **Literatura e Sociedade**, 5(5), 18-28, 2000. Disponível: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i5p18-28>. Acesso 2 abr. 2015.
- DITMORE, Melissa H. (Ed.) **Encyclopedia of prostitution and sex work**. Volume 1. Westport Conn.: Greenwood Press, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

- _____. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- HARDY, Thomas. **Judas, o Obscuro**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1971.
- HIIS, Jacob A. **How the other half lives**. Studies among the tenements of new York. New York: Dover Publications, Inc., 2016.
- KUNDERA, Milan. **A Arte do Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- LEE, Paula Y. (Org.). **Meat, Modernity, and the Rise of the Slaughterhouse**. Durham, New Hampshire: University of New Hampshire Press, 2008, p.153-166.
- LUKÁCS, Georges. Arte y verdad objetiva. In **Problemas del Realismo**. México – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1966, pp.11-54.
- MACLACHLAN, Ian. Humanitarian Reform, Slaughter Technology, and Butcher Resistance in Nineteenth-Century Britain. In LEE, Paula Y. (Org.). **Meat, Modernity, and the Rise of the Slaughterhouse**. Durham, New Hampshire: University of New Hampshire Press, 2008, pp. 107-126.
- PESAVENTO, S.J.. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. In **História da Educação**. n. 14, p.31-45. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, set. 2003.
- SINCLAIR, Upton. **The Jungle**. Harmondsworth: Penguin Modern Classics, 1965.
- SINGER, Isaac. The Slaughterer. In **The Séance and Other Stories**. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1968, pp. 17-30.
- _____. Sangue. In **Breve Sexta-feira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, pp.20-32.
- STEINBECK, John. Dubious Battle in California. In **America and Americans, and Selected Nonfiction**. New York: Penguin Books, 2003.
- WEBER, Max. **História Geral da Economia**. São Paulo: Editora Centauro, 2006.
- ZIMRING, Carl A. **Cash for your Trash**. Scrap Recycling in America. New Brunswick: Rutgers University Press, 2005.
- ZOLA, Emile. **Germinal**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

RECEBIDO EM: 29/05/2023

PARECER DADO EM: 14/07/2023